



**A UNIVERSIDADE PRESIDENTE ANTÔNIO CARLOS**

**UNIPAC**

**DEPARTAMENTO DE PÓS-GRADUAÇÃO**

**PROGRAMA DE MESTRADO EM EDUCAÇÃO E SOCIEDADE**

**MARCELO MAURICIO MIRANDA**

**A TELEVISÃO NO COTIDIANO DE ADOLESCENTES:  
REFLETINDO SOBRE ESSA RELAÇÃO**

**BARBACENA**

**2009**

**MARCELO MAURICIO MIRANDA**

**A TELEVISÃO NO COTIDIANO DE ADOLESCENTES:  
REFLETINDO SOBRE ESSA RELAÇÃO**

Dissertação apresentada ao curso de Mestrado em Educação e Sociedade da Universidade Presidente Antônio Carlos – UNIPAC, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dra. Maria Queiroga Amoroso Anastácio

**BARBACENA**

**2009**

**Marcelo Mauricio Miranda**

**A TELEVISÃO NO COTIDIANO DE ADOLESCENTES:  
REFLETINDO SOBRE ESSA RELAÇÃO**

Dissertação apresentada a Universidade Presidente Antônio Carlos – UNIPAC, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Educação.

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof<sup>a</sup>.Dr<sup>a</sup>. Rita de Cássia de Souza  
Universidade Federal de Viçosa (UFV)

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Maria Queiroga Amoroso Anastácio - UNIPAC  
Universidade Presidente Antônio Carlos (UNIPAC)

---

Prof<sup>a</sup>.Dr<sup>a</sup> Rosa Maria Correa das Neves  
Universidade Presidente Antônio Carlos (UNIPAC)

---

Prof. Dr. Jader Janer Moreira Lopes  
Universidade Federal Fluminense (UFF)

---

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Maria Bellini  
Universidade Presidente Antônio Carlos (UNIPAC)

Aprovada em \_\_\_\_\_/\_\_\_\_\_/\_\_\_\_\_

Ela (a TV) é “o fenômeno social e cultural mais impressionante da história da humanidade”.  
Joan Ferrés (1998)

## **AGRADECIMENTO**

**A Deus, fonte de vida, inspiração e coragem para o enfrentamento diário dos desafios.**

**Aos meus pais, pelos princípios de honestidade dados a mim.**

**A minha orientadora, Professora Doutora Maria Queiroga, pela paciência em lapidar uma pedra bruta em pura obra de arte e conhecimento.**

**A Janice Simpson de Paula, Mestranda das Saúdes Coletivas, de todos, mas principalmente da minha. Obrigado pelo seu amor e paciência nestes últimos 24 meses.**

**A todos os amigos e familiares. Se pudesse escreveria uma dissertação sobre cada um e como são importantes na minha existência. À todos os professores que contribuíram para minha formação, não só com o conhecimento teórico-científico, mas com a riqueza de suas experiências e vivências.**

**A Isabel Travancas, jornalista e antropóloga, que abriu meus olhos diante do complexo mundo da TV no qual ingressei os estudos.**

**Aos Profissionais da Escola Estadual Professor Soares Ferreira, que abriram suas portas para o engrandecimento do conhecimento científico.**

**Aos pais e aos alunos que participaram dessa pesquisa, pelo empenho e seriedade, fatores fundamentais para a realização desse trabalho.**

## RESUMO

A televisão integra o cotidiano de grande parte da população. No caso dos adolescentes, essa relação ganha contornos nem sempre bem delineados, que merecem receber um olhar analítico pelos pesquisadores interessados, especialmente, na questão educacional. Em nosso caso, perguntamos a um grupo de 6 adolescentes, estudantes de uma escola pública da rede estadual de Barbacena, Minas Gerais, a seguinte questão: “O que você acha da televisão?” Essa pergunta foi definida baseada na investigação proposta e do método de pesquisa utilizado: o fenomenológico. Em alguns casos, as respostas pareciam se repetir como propagandas de televisão. Após as análises dos discursos desses jovens, chegou-se às seguintes categorias: TV em julgamento, esta subdividida em contribuições positivas da TV, contribuições negativas da TV e posicionamento frente a TV. Essas categorias possibilitaram a visibilidade do estudo em questão: A TV no cotidiano dos adolescentes.

**Palavras Chave:** Educação; Televisão; Adolescência.

## **ABSTRACT**

The Television is reality for many among the population. For the teenagers, however, this relation gets outlines not always, which deserves a deeper analysis by the interested researchers, especially on the educational matter. In our case, it was asked to a group composed by six teenagers, all students of a public school in Barbacena city, in the state of Minas Gerais, the following question: what do you think of television? This question was made based on the mentioned study and on the “phenomenological” case. In some cases, the answers repeated just like the endless adds on televivion. After the analysis on the data collected from those teens, we had the following results: TV as judgment, It’s subdivided into positive contributions from TV; negative contributions from TV; and the TV’s ideal. These categories made it possible the visibility of the mentioned study: daily TV on teenagers’ day-to-day.

**Keywords:** Education; Television; Teenagers.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO.....</b>	<b>9</b>
<b>2 PESQUISA QUALITATIVA FENOMENOLÓGICA.....</b>	<b>11</b>
2.1 Pesquisa qualitativa fenomenológica.....	11
2.2 Análise ideográfica.....	16
2.2.1 Adolescente A.....	16
2.2.1.1 Depoimento A.....	17
2.2.2 Adolescente B.....	18
2.2.2.1 Depoimento B.....	18
2.2.3 Adolescente C.....	20
2.2.3.1 Depoimento C.....	20
2.2.4 Adolescente D.....	21
2.2.4.1 Depoimento D.....	21
2.2.5 Adolescente E.....	23
2.2.5.1 Depoimento E.....	23
2.2.6 Adolescente F.....	24
2.2.6.1 Depoimento F.....	24
2.3 Análise Nomotética.....	25
<b>3 TELEVISÃO E ADOLESCÊNCIA.....</b>	<b>28</b>
3.1 A TV em julgamento.....	28
3.2 Tempo e TV.....	36
3.3 Programação Assistida.....	38
3.4 Sentimentos em relação à TV.....	42
3.5 Aspecto interativo da TV.....	45
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>46</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>48</b>
<b>APÊNDICE 1.....</b>	<b>51</b>
<b>APÊNDICE 2.....</b>	<b>52</b>



# 1 INTRODUÇÃO

A televisão é parte integrante e fundamental de complexos processos de veiculação e de produção de significações, de sentidos, os quais, por sua vez, estão relacionados a modos de ser, a modos de pensar, a modos de conhecer o mundo, de se relacionar com a vida. É um dos veículos de comunicação dos mais populares, mesmo com o advento da internet e sua expansão crescente.

Ao ver TV compreendemos que é feita para diversos espectadores, que a todo o momento são chamados a prestar atenção em algo. É utilizada em grande parte para entreter o público, mas também leva informações sobre fatos acontecidos em nossa esquina ou ainda do outro lado do mundo.

Para assistir televisão não se necessita saber ler ou escrever, ter conhecimentos sobre física quântica ou sobre triângulos, raízes quadradas ou ainda ser sabedor dos mais profundos fatos históricos que delinearam os caminhos traçados pela humanidade. Para ser um telespectador apenas uma ação deve ser levada em conta, ou seja, o ato de ligar a TV.

O interesse em ter a TV como tema para esse trabalho enraíza-se da própria vivência do pesquisador, pois, desde os primeiros anos de vida, a necessidade e o desejo de comunicar-se sempre se mostraram como fundamentais.

Quando criança, a televisão era um refúgio diário após o retorno da escola. A possibilidade de estar simplesmente ali, por diversas vezes no mesmo dia, já satisfazia. Os desenhos animados eram os preferidos, com suas histórias de aventuras, comédia e policial. Não somente os desenhos atraíam, mas também os telejornais, filmes e programas de entrevista.

A televisão prendia a atenção de tal forma que todos os outros afazeres ficavam em segundo plano. Não era muito íntimo da leitura de livros ou revistas, mesmo que fossem voltadas para gênero infantil. Grande parte daquilo que conversava com os amigos, parentes e professores tinha como fonte de informação e inspiração, a televisão.

Na adolescência já havia adquirido o hábito da leitura de livros, revistas e apostilas de estudo, porém a TV continuava sendo um refúgio. Os

programas que interessavam eram distintos daqueles da infância, mas a satisfação que vivenciava era a mesma.

Nos dias de hoje, possivelmente devido à formação acadêmica, no curso de comunicação social, e à atuação profissional em veículos de comunicação da cidade de Barbacena-MG, foi se desenvolvendo um olhar mais crítico do que aquele da adolescência no qual o que importava era estar diante da televisão.

Os estudos e, talvez a maior maturidade, possibilitam constatar que, muitas vezes, por trás de um programa de TV existe todo um aparato comercial e ideológico, responsável, inclusive, por mover e sustentar a indústria televisiva que demanda custos altos e a capacitação de muitos profissionais.

Nesse sentido, é que a questão que norteia este trabalho de pesquisa se coloca: **Como os adolescentes de Barbacena vivenciam a relação com a televisão em seu cotidiano? O que pensam sobre a televisão?**

A escolha em realizar essa pesquisa com adolescentes, com idades entre 14 e 18 anos, se enraíza em nossa vivência como adolescente e também no contato com outros adolescentes de maneira geral. Entendemos que essa faixa etária tem fundamental importância para a formação moral e intelectual dos jovens, especialmente ao vivermos numa época na qual os meios de comunicação estão altamente difundidos, espalhados nos diversos âmbitos sociais, seja via internet, televisão, rádio jornais dentre outros. Assim, ao iniciar o trabalho de pesquisa, tínhamos certa expectativa de que iríamos nos deparar, ao investigar sobre adolescentes de hoje e televisão, com o fato de que outros meios de comunicação, como a internet, por exemplo, poderiam ter ocupado o espaço que era da TV.

Entretanto, fomos surpreendidos pelo fato que, apesar da crescente popularização de outras mídias, os adolescentes envolvidos na pesquisa assistem cotidianamente à televisão. As análises de seus depoimentos nos mostraram sua forma de lidar com a TV e ajudaram-nos a compreender como a valorizam.

## **2 PESQUISA QUALITATIVA FENOMENOLÓGICA**

Neste capítulo apresentamos a pesquisa desenvolvida. No primeiro momento, expomos o caminho escolhido e sua fundamentação. Em seguida, descrevemos as análises e categorias desenvolvidas. A escolha por iniciar a dissertação pelo relato dos caminhos metodológicos se sustenta na própria concepção de pesquisa que adotamos. Ou seja, ao trabalharmos qualitativamente não partimos de pressupostos e de procedimentos definidos *a priori*. Nesse sentido, o aporte teórico ilumina nossas buscas, mas não constitui um embasamento que confirme nossos achados. descrevemos, em seguida a pesquisa qualitativa fenomenológica, seus modos de proceder e um pouco do aspecto epistemológico que a constitui.

### **2.1 Pesquisa qualitativa fenomenológica**

A modalidade qualitativa de pesquisa, em uma abordagem fenomenológica, constituiu a escolha para o desenvolvimento da investigação que propôs entrevistar sujeitos que fossem alunos de uma escola pública da cidade de Barbacena – MG, com idades variando entre 14 e 18 anos, homens e mulheres, num total que compreende seis adolescentes, alunos da 8ª série (9º ano de escolaridade). A escolha por alunos que freqüentam o ensino público se deve ao fato de queremos pesquisar a questão da televisão em um meio social que abrange um grupo mais heterogêneo e no caso, a escolha recaiu sobre a Escola Estadual Professor Soares Ferreira. Essa escola além de ser uma das mais tradicionais da cidade tanto por seu tempo de existência como pelo reconhecimento que recebe da população como uma boa escola pública, atende a alunos de diferentes classes sociais, bairros, religiões, raça dentre outras. Além disso, a facilidade de acesso à direção, o envolvimento que essa instituição possui em relação a outras pesquisas já realizadas, sua localização estratégica, no centro da cidade, contribuíram para decisão de desenvolver essa pesquisa. Já em relação ao número de participantes da pesquisa, a definição por seis entrevistados se deve, principalmente, ao método utilizado

para o desenvolvimento da investigação, ou seja, o método fenomenológico. Nesse método, não se pretende afirmar ou descrever uma verdade, como sendo absoluta. Nesse caso não se trabalha com um número grande de participantes como nas pesquisas de cunho quantitativo em que se buscam por regularidades matemáticas. O intuito é compreender uma realidade ora posta em suspeição.

A escolha de participantes entre alunos dessa escola foi norteada pela preocupação de que, possivelmente, haja uma influência do meio social no que se refere ao acesso à mídia televisiva. Ou seja, para determinado número de adolescentes, talvez, o acesso a outras mídias, além da televisão, possa gerar uma situação de menos exposição à mídia televisiva. Ao passo que adolescentes que têm apenas a TV como a única ou principal mídia de contato com o mundo, possa sofrer uma influência maior desse veículo.

A modalidade de pesquisa adotada não supõe uma comparação dos resultados encontrados segundo a origem social dos sujeitos envolvidos, entretanto parece-nos importante ampliar o campo em suas especificidades.

Os alunos foram convidados a participar da pesquisa. Dentre eles os primeiros que se voluntariaram foram escolhidos. A partir deste ponto, os pais dos alunos selecionados foram visitados, receberam orientações sobre o trabalho e os que estiveram de acordo assinaram o termo de autorização (APÊNDICE 1 e 2).

Foi informado aos alunos participantes que os mesmos não seriam identificados pelos nomes na pesquisa e no desenvolvimento, garantindo sua privacidade e dando a eles liberdade para falar e agir da maneira como se mostram no seu dia-a-dia.

A entrevista, que foi realizada na própria escola, porém fora dos períodos de aula, foi desenvolvida de maneira não estruturada, mas conduzida pelo foco principal da pesquisa, ou seja, “O que você acha da televisão?” Os sujeitos foram resguardados de qualquer exposição, sendo que seus nomes não foram divulgados.

É importante ser destacado que por ser uma pesquisa de cunho acadêmico, com bases fundadas na ética e respeito ao ser humano, todo o cuidado foi dispensado aos sujeitos participantes e as informações transmitidas por eles ao entrevistador.

A entrevista foi gravada em áudio e posteriormente transcrita de maneira a garantir a fidelidade aos depoimentos dos adolescentes. Foi-lhes informado que poderiam desistir da entrevista no momento em que quisessem e que seus nomes seriam mantidos em sigilo. Por ser tratar de uma pesquisa com adolescentes, foi pedida autorização a seus pais que, depois de terem sido informados dos objetivos da investigação e dos procedimentos que seriam adotados, deram, por escrito, seu consentimento.

A decisão de lhes propor uma única pergunta está ancorada na perspectiva fenomenológica que, na abordagem qualitativa de pesquisa, conduz os procedimentos. Isso significa que adotamos princípios da fenomenologia sem, no entanto, termos a pretensão de fazer Fenomenologia. Lançamos mão do seu método apoiando-nos em Martins *apud* Bicudo, 1994 que afirma:

A Fenomenologia é um nome que se dá a um movimento cujo objetivo precípua é a investigação direta e a descrição de fenômenos que são experienciados conscientemente, sem teorias sobre a sua explicação casual e tão livre quanto possível de pressupostos e de preconceitos (MARTINS *apud* BICUDO, 1994, p.15).

De acordo com Garnica (1997), na perspectiva fenomenológica é tomado o fenômeno a partir de uma interrogação posta por alguém, afastando-se, assim das concepções positivistas e empiristas. Afirma:

Fenômenos nunca são compreendidos sem que sejam inicialmente interrogados: disponíveis na percepção, são questionados e, na perspectiva fenomenológica, qualquer forma de manifestação ou objetividade implica um relacionamento intersubjetivo. O que põe-nos frente ao manifesto, em atitude de abertura ao que se mostra, na intenção de conhecer a própria consciência. O fenômeno, assim, é sempre visto contextualizadamente (GARNICA, 1997).

Ao adotarmos uma perspectiva qualitativa para a pesquisa assumimos parte do pensamento de Gonzalez Rey (1999) que nos apresenta que os instrumentos deixam de ser vistos como um fim em si mesmo (instrumentalismo positivista) para se tornarem uma ferramenta interativa entre o investigador e o sujeito investigado, ou seja, o instrumento deixa de ser considerado a via de estudo das respostas, para englobar os procedimentos usados pelo pesquisador para estimular a expressão e a construção de reflexões pelo sujeito.

Segundo Boemer (1994), a investigação fenomenológica não parte de um “problema”, ao qual será dada, como nos problemas matemáticos, uma resposta objetiva e possivelmente única. O pesquisador tem, sim, uma interrogação. No nosso caso, a interrogação gira em torno da relação de adolescentes de hoje, em Barbacena, com a televisão. Garnica (1997) afirma que o homem compreende porque interroga as coisas com as quais convive. As coisas do mundo lhe são dadas à consciência que está, de modo atento, voltada para conhecê-las: o homem é já homem-no-mundo, ele percebe-se humano vivendo com outros humanos, numa relação da qual naturalmente faz parte, mesmo que de forma inconsciente, não podendo dissociar-se dela. Deste modo, percebo que não poderá existir a neutralidade do pesquisador em relação à pesquisa, pois ele atribui significados, seleciona o que do mundo quer conhecer, interage com o conhecimento e se dispõe a comunicá-lo. Conseqüentemente, não haverá “conclusões”, mas uma “construção de resultados”, posto que compreensões nunca serão definitivas.

Avalia-se que, na perspectiva fenomenológica, o efeito principal do procedimento metodológico é sistematizar o que é vivido, de forma mais articulada. Assim, este método exige do pesquisador o isolamento de seus preconceitos, sendo imprescindível a eliminação de generalizações, pois, a partir dos estudos fenomenológicos, não se pretende descobrir a verdade absoluta ou mesmo traçar uma verdade. O que se pretende é contribuir com os estudos, como mais uma forma de entendimento sobre o tema pesquisado, observado e teorizado, pois, a abordagem fenomenológica viabiliza essa compreensão do tema.

Para Martins e Bicudo (1989), quando o pesquisador interroga, terá uma trajetória, estará caminhando em direção ao fenômeno, naquilo que se manifesta por si, através do sujeito que experiencia a situação. Assim, segundo os mesmos autores, nesta coleta de dados, o pesquisador precisa pôr diante dos seus olhos o fenômeno que está sendo investigado, a começar pela descrição da experiência de mundo dos sujeitos segundo foi expresso por eles. Entretanto, a investigação fenomenológica não se reduz à descrição. Ela trabalha com os dados fornecidos pela descrição e vai além, analisando-os e interpretando-os de acordo com critérios de rigor. Mas, é relevante lembrar

que o texto todo da descrição é importante, uma vez que fornece indicadores do solo onde a vivência se dá.

Nas pesquisas fenomenológicas trabalha-se com a totalidade das descrições. Essas descrições são lidas e relidas tantas vezes quanto o pesquisador e seu grupo de pesquisa, composto por seus interlocutores, acharem necessário para que o descrito comece a fazer sentido, para eles, à luz da interrogação formulada (BICUDO, 2000).

Esse movimento de análise acontece em dois momentos. No primeiro, denominado análise ideográfica, o pesquisador procura identificar as idéias dos depoimentos que se referem à questão pesquisada. Essas idéias são denominadas unidades de significado por trazerem as idéias essenciais expressas na descrição. As unidades, ainda em linguagem do depoente, sofrem o primeiro movimento de redução fenomenológica ao serem interpretadas. Segundo Anastácio (2009), a análise ideográfica constitui, então, o procedimento de ler essas descrições a fim de desvendar unidades de significado que são as afirmações, ainda na linguagem do autor da descrição, que fazem sentido para o pesquisador, a partir da questão que busca compreender. De acordo com Moreira (2008), analisar as unidades de significado permite que usemos a nossa percepção do objeto de estudo relacionando-a aos estudos e leituras, e possamos então interliga-los e formar redes de significado.

Já o segundo momento é denominado análise nomotética. De acordo com Anastácio (2005), a análise nomotética procura pelas características ou categorias abertas propõe identificar a passagem para o mais geral.

O momento da análise nomotética se inicia no movimento da redução fenomenológica que se instala e permite explicitarem-se os invariantes que expõem, numa abstração maior, invariantes que abarcam dimensões mais amplas. Continuando o procedimento de análise, apresentam-se as categorias que se manifestam ao agrupar as idéias explicitadas em linguagem do pesquisador. A convergência das idéias em categorias abertas permite expor os invariantes que indicam as características do fenômeno investigado (ANASTÁCIO, 2005).

Segundo Moreira (2008), na análise nomotética passamos do individual, onde estudamos as asserções dos sujeitos, para o geral daquele fenômeno. Nessa etapa, novos grupos são formados e, num processo contínuo de convergências e interpretações, sempre explicitadas, novas categorias abertas,

mais gerais, vão-se formando. Anastácio (2009) considera que o momento da análise nomotética se realiza no movimento da redução fenomenológica que se instala. Vai ocorrendo, assim, uma articulação entre as unidades obtidas a partir de cada descrição e explicitam os invariantes que expõem, numa abstração maior, invariantes, cada vez, mais abrangentes. Ainda, segundo a autora, o procedimento de análise leva a apresentarem-se as categorias ao agrupar as idéias explicitadas em linguagem do pesquisador. A convergência das idéias em categorias abertas permite expor os invariantes que indicam as características do fenômeno investigado.

A possibilidade de desenvolver a pesquisa seguindo os procedimentos acima descritos nos coloca novamente no foco da pesquisa anunciada. Consequentemente, adiante descrevemos as análises, ideográfica e nomotética, e os resultados observados.

## **2.2 Análise ideográfica**

Este momento se constitui em duas fases. Na primeira apresentamos as transcrições dos depoimentos dos adolescentes participantes e no segundo, a análise ideográfica propriamente dita que expõe as principais idéias contidas em cada depoimento.

Em primeiro lugar descrevemos os dados pessoais dos adolescentes sujeitos dessa pesquisa e em seguida iniciamos a análise ideográfica.

Nos depoimentos dos sujeitos as asserções identificadas no movimento de análise ideográfica são representadas por cores, de acordo com o contexto. Dentro do mesmo depoimento, as cores que se repetem, retratam a mesma idéia.

### **2.2.1 Adolescente A**

Nome: R. P. A.

Idade: 15 anos

Sexo: masculino

Profissão: estudante

Horário da escola: período da tarde

Bairro onde mora: Nossa Senhora Aparecida



### 2.2.1.1 Depoimento A

A televisão eu acho bom, porque quando estou aqui em casa à toa, serve para distrair. Passa filme bom, legal, desenho de manhã. E eu fico muito aqui, na frente da televisão, à toa. E gosto. Acho a televisão boa e assisto mais é desenho. Fico mais aqui em casa de manhã vendo desenho. De tarde tenho que estudar e ai não dá.

Quadro 1 – Análise Ideográfica Aluno A

Depoimento na linguagem do aluno	Linguagem do pesquisador	Significado do dicionário	Asserção articulada
A televisão eu acho bom	O aluno avalia a TV positivamente	Bom = dotado de qualidades	A1 A televisão é algo positivo
Quando estou aqui em casa à toa, serve para distrair.	O aluno usa a TV para ocupar momentos ociosos.	À toa = estar desocupado; sem nada para fazer. Distrair = divertir; tornar desatento	A2 A TV ocupa o tempo ocioso.
Passa filme bom, legal, desenho de manhã.	O aluno gosta de assistir filme e desenho animado.		A3 O aluno prioriza assistir desenhos animados.
De tarde tenho que estudar e ai não dá.	No horário vespertino o aluno frequenta a escola	Estudar = aprender, entender	A4 A frequência à escola inviabiliza assistir à TV.

#### Discurso articulado do depoente A

O depoente gosta de assistir televisão, filmes e desenhos animados. Nos momentos ociosos, a TV serve para distrair, principalmente no período da manhã. A tarde, devido aos estudos, assistir televisão se torna inviável.

## 2.2.2 Adolescente B

Nome: W. O. V.

Idade: 14 anos

Sexo: masculino

Profissão: estudante e lavador de veículos

Horário da escola: período da tarde

Bairro onde mora: Boa Vista

### 2.2.2.1 Depoimento B

Ah, tem o lado bom e o lado ruim! O lado bom é porque é um entretenimento. Você se diverte assistindo a televisão, filme, novela. Você aprende com o jornal, isso é o lado bom. E também tem o lado ruim que é o vício. Você não chega em casa e fica sem assistir televisão. Todo dia Você vai ter que liga-la. Eu gosto de ver televisão.

Quadro 2 – Análise Ideográfica Aluno B

Depoimento na linguagem do aluno	Linguagem do pesquisador	Significado do dicionário	Asserção articulada
A, tem o lado bom e o lado ruim.	O aluno avalia a TV positivamente e negativamente.	Positivamente = grau de adjetivo relacionado à qualidade.  Negativamente = que exprime negação, nulo, proibido	B1 A televisão tem duas faces: a positiva e a negativa.
O lado bom é porque é um entretenimento.	O aluno avalia a TV positivamente baseado na diversão que a TV proporciona.	Entretenimento = brincadeira ou divertimento.	B2 A TV propicia entretenimento.
Você se diverte assistindo a televisão, filme, novela,	A programação preferida são filmes e novelas.	Diversão = distração ou divertimento.	B3 Novelas e filmes contribuem com o caráter de diversão da TV
Você aprende com o jornal, isso é o lado bom.	O aluno vê no telejornal um espaço de aprendizado.	Aprender = tomar conhecimento de.  Bom = dotado de qualidades.	B4 O telejornal contribui com informações e aprendizado.
E também tem o lado ruim que é o vício.	O aluno avalia a TV negativamente baseado no vício que ela proporciona.	Vício = costume condenável, grande defeito, hábito prejudicial.	B5 A televisão cria vício.
Você não chega em casa e fica sem assistir televisão	O aluno avalia que a TV faz parte de seu cotidiano dentro de casa.	Assistir = acompanhar	B6 Assistir TV é um fato que se impõe no cotidiano das pessoas.
Eu gosto de ver televisão.	O ato de assistir televisão traz prazer ao aluno.	Gostar = Agradar-se de.	B7 É prazeroso assistir televisão.

## Discurso articulado do depoente B

O depoente observa que a TV tem duas faces: a boa e a ruim. O aprendizado é o lado bom, tendo por base as informações veiculadas nos programas. Já o lado ruim se deve ao fato que assistir TV vicia, pois faz com que as pessoas a liguem todos os dias.

## 2.2.3 Adolescente C

Nome: G. F. R.  
 Idade: 14 anos  
 Sexo: feminino  
 Profissão: estudante  
 Horário da escola: período da tarde  
 Bairro onde mora: João Paulo II

### 2.2.3.1 Depoimento C

Acho bom, porque se mantém informado das notícias do mundo inteiro. Quando estou à toa assim, nas horas vagas, eu assisto novela. É sempre bom. Eu gosto.

Quadro 3 – Análise Ideográfica Aluno C

Depoimento na linguagem do aluno	Linguagem do pesquisador	Significado do dicionário	Asserção articulada
Acho bom	O aluno avalia a TV positivamente	Bom = datado de qualidades	C1 A TV tem um caráter positivo
Porque se mantém informado das notícias do mundo inteiro.	O aluno observa que a TV é fonte de informação sobre o mundo.	Informado = pessoa instruída Notícia = informação, comunicação	C2 A televisão serve para a informação sobre os acontecimentos
Quando estou à toa assim, nas horas vagas, eu assisto novela, né.	O aluno assiste novela nos momentos ociosos.	À toa = estar desocupado; sem nada para fazer.	C3 Momentos de ócio são ocupados pela TV.

#### Discurso articulado do depoente C

Segundo o depoente, a TV é boa porque por meio dela pode-se manter informado. Nas horas vagas o depoente assiste novela.

## 2.2.4 Adolescente D

Nome: A. H. G. F.

Idade: 14 anos

Sexo: masculino

Profissão: estudante

Horário da escola: período da tarde

Bairro onde mora: Santa Cecília

### 2.2.4.1 Depoimento D

É bom, mas depende do modo que se interpreta, porque tem muita coisa que você vê, que se interpretar do jeito errado leva a pessoa a fazer muita coisa errada. Eu não assisto tanta TV assim, mas o que eu assisto já dá para tirar um monte de coisa boa pra se fazer. Igual quando tem campanha contra a dengue. A gente só presta a atenção nisso quando vê na TV. Porque vai alguém na casa ou coisa assim. Quando tem campanha com doenças, vacinação infantil. Muita gente só leva por causa da TV. Outros vêem coisas em novela e acha que vida real também dá pra fazer. Tem muita coisa errada e boa, depende da cabeça das pessoas. Acho que é isso.

Quadro 4 – Análise Ideográfica Aluno D

<b>Depoimento na linguagem do aluno</b>	<b>Linguagem do pesquisador</b>	<b>Significado do dicionário</b>	<b>Asserção articulada</b>
É bom	O aluno avalia a TV positivamente	Bom = datado de qualidades	D1 A televisão é positiva
mas depende do modo que se interpreta	O aluno relativiza o valor da TV	Interpreta = entender, reproduzir	D2 A TV tem aspectos positivos e negativos.
se interpretar do jeito errado leva a pessoa a fazer muita coisa errada	O aluno observa que dependendo da interpretação, a pessoa pode tomar atitudes erradas.	Errado = desviado, afastado da verdade	D3 O caráter negativo da TV pode levar a atitudes erradas.
Eu não assisto tanta TV assim, mas o que eu assisto já dá para tirar um monte de coisa boa pra se fazer.	O aluno não assiste muita televisão, mas avalia que absorve coisas boas para fazer.	Assistir = acompanhar, favorecer	D4 A TV contribui com informações e sugestões positivas.
Igual quando tem campanha contra a dengue. A gente só presta a atenção nisso quando vê na TV.	O aluno avalia que as pessoas prestam atenção em campanhas importantes quando as mesmas são veiculadas.	Prestar atenção = Ficar atento, observar cuidadosamente determinado fato	D5 A TV veicula informações que contribuem para qualidade de vida.
Outros vêem coisas em novela e acha que vida real também da pra fazer.	O aluno avalia que as parte das pessoas confundem as novelas com a vida real.	Vida = Estado de atividade funcional, peculiar aos animais e vegetais Real = que existe de fato, verdadeiro	D6 A TV pode propiciar que se confunda ficção e vida real.

## Discurso Articulado do depoente D

O depoente acredita que a TV tem seu lado bom e o ruim, mas depende da interpretação de cada indivíduo. As campanhas de saúde veiculadas na TV são positivas para a população, porém existem situações apresentadas na ficção que se, forem interpretadas de maneira equivocada, podem levar os indivíduos a atitudes erradas.

## 2.2.5 Adolescente E

Nome: C. S. M.

Idade: 15 anos

Sexo: feminino

Profissão: estudante

Horário da escola: período da tarde

Bairro onde mora: Novo Horizonte

### 2.2.5.1 Depoimento E

É boa. Tem algumas coisas que são boas e coisas que são ruins. Tem que fala sobre as drogas e quem esses adolescentes que tem a mente bem fraca, bem fraca mesmo, pode ir seguindo. E quem não tem simplesmente está vendo a realidade da vida. Eu assisto bastante televisão, vamos dizer, desde a hora que eu acordo até a hora que eu vou dormir. Só tem a pausa para o serviço de casa. Adoro muito a televisão, tanto que o que me perguntar eu sei responder sobre os programas e o que acontece na televisão.

Quadro 5 – Análise Ideográfica Aluno E

Depoimento na linguagem do aluno	Linguagem do pesquisador	Significado do dicionário	Asserção articulada
É boa	O aluno avalia a TV positivamente	Bom = datado de qualidades	E1 A televisão tem caráter positivo
Tem algumas coisas que são boas e coisas que são ruins.	O aluno relativiza a televisão pelo modo como ela é interpretada pelo público.	Bom = datado de qualidades Ruim = mau, inútil, nocivo	E2 A televisão apresenta pontos positivos e negativos
Eu assisto bastante televisão, desde a hora que eu acordo até a hora que eu vou dormir. Só tem a pausa para o serviço de casa.	O aluno assiste muita televisão, quase que o dia inteiro	Bastante = que satisfaz, suficiente	E3 A presença da televisão no cotidiano é intensa.
Adoro muito a televisão, tanto que o que me perguntar eu sei responder sobre os programas e o que acontece na televisão.	O aluno gosta muito da televisão e conhece sobre a programação que é transmitida	Adoro = amar extremosamente, venerar.	E4 A TV exerce um fascínio, absorvendo a atenção.

#### Discurso Articulado do depoente E

Para o depoente o que é transmitido pela televisão tem duas faces: a boa e a ruim. Mas a interpretação daquilo que é veiculado é o mais importante e depende de cada indivíduo. O depoente assiste muita televisão e, por isso, conhece grande parte dos programas exibidos.

## 2.2.6 Adolescente F

Nome: M. M. S.

Idade: 14 anos

Sexo: masculino

Profissão: estudante

Horário da escola: período da tarde

Bairro onde mora: Passarinhos

### 2.2.6.1 Depoimento F

É um meio de comunicação muito bom. Interage com as pessoas de um modo diferente. As propagandas para as pessoas comprarem as coisas, os programas são muito bons. Também faz a gente rir, faz a gente chorar, faz a gente ficar interessado naquilo que a gente vê. Assisto muita televisão, tem dia que é 3 ou 4 horas por dia. Não tem nada pra fazer ai fica sentado no sofá, assistindo TV.

Quadro 6 – Análise Ideográfica Aluno F

Depoimento na linguagem do aluno	Linguagem do pesquisador	Significado do dicionário	Asserção articulada
É um meio de comunicação muito bom	O aluno avalia a TV positivamente	Bom = datado de qualidades	F1 A televisão é dotada de algo positivo
Interage com as pessoas de um modo diferente.	O aluno avalia a questão interativa da TV	Interação = influência mútua, intercâmbio	F2 A TV provoca a interação entre emissor e receptor
Também faz a gente rir, faz a gente chorar, faz a gente ficar interessado naquilo que a gente tá vendo.	O aluno observa as emoções aguçadas pela TV e o interesse no que é transmitido	Interessado = preocupado, dedicado, devotado	F3 A TV desperta sentimentos e interesses
Assisto muita televisão, tem dia que é 3 ou 4 horas por dia.	O aluno assiste muita televisão	Assistir = estar presente, acompanhar	F4 A TV faz parte do dia-a-dia do aluno, frequentemente.
Não tem nada pra fazer ai fica sentado no sofá assistindo TV.	O aluno assiste TV em momentos ociosos	Nada para fazer = momento de ociosidade	F5 A TV ocupa o tempo ocioso.

#### Discurso Articulado depoente F

Segundo o depoente, a televisão é boa por interagir com o público. Suscita sentimentos e desperta interesse naquilo ora veiculado. Para o depoente, a TV ocupa, dentro de seu dia os momentos ociosos.



## 2.3 Análise nomotética

Trata-se aqui de, a partir das asserções identificadas no movimento da análise ideográfica, apresentar as convergências percebidas por nós. Como exposto anteriormente, tendo a questão geradora como foco, buscamos, nas falas dos participantes semelhanças temáticas que nos levaram a configurar as categorias. Essas categorias nos permitem ter acesso à estrutura do fenômeno que buscamos compreender. No texto apresentado a seguir, optamos por apresentar as asserções em cores distintas, segundo o sentido de articulação que fizeram em nosso movimento de análise. Ou seja, a partir de nosso olhar, as cores iguais expõem idéias que por serem semelhantes, se articulam. As categorias disso resultantes, são apresentadas em seguida.

**A1 A televisão é algo positivo**

**A2 A TV ocupa o tempo ocioso.**

A3 Desenho animado constitui um dos programas mais assistidos.

**A4 A frequência na escola inviabiliza assistir à TV.**

**B1 A televisão tem duas fases: a positiva e a negativa.**

B2 A TV propicia entretenimento.

B3 Novelas e filmes contribuem com o caráter de diversão da TV

B4 O telejornal contribui com informações e aprendizado.

**B5 A televisão cria vício.**

**B6 Assistir TV é um fato que se impõe no cotidiano das pessoas.**

B7 É prazeroso assistir televisão.

**C1 A televisão tem um caráter positivo.**

C2 A televisão serve para a informação sobre os acontecimentos

**C3 Momentos de ócio são ocupados pela TV.**

**D1 A televisão é positiva**

**D2 A TV tem aspectos positivos e negativos.**

**D3 O caráter negativo da TV pode levar a atitudes erradas.**

D4 A TV contribui com informações e sugestões positivas.

D5 A TV veicula informações que contribuem para qualidade de vida.

**D6 A TV pode propiciar que se confunda ficção e vida real.**

**E1 A televisão tem caráter positivo**

**E2 A televisão apresenta pontos positivos e negativos**

**E3 A presença da televisão no cotidiano é intensa.**

**E4 A TV exerce um fascínio, absorvendo a atenção.**

**F1 A televisão é dotada de algo positivo**

F2 A TV provoca a interação entre emissor e receptor

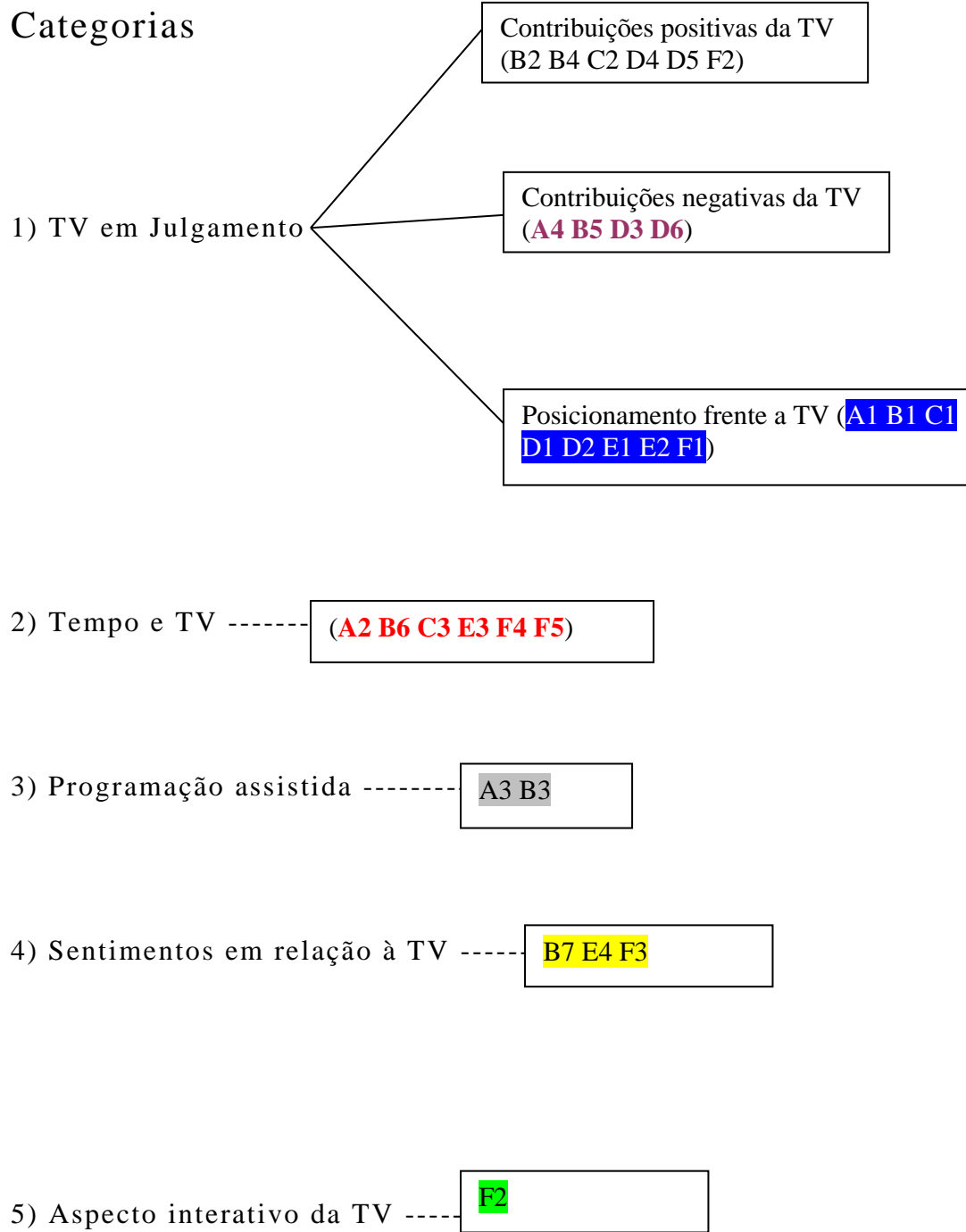
**F3 A TV desperta sentimentos e interesses**

**F4 A TV faz parte do dia-a-dia do aluno, frequentemente.**

**F5 A TV ocupa o tempo ocioso.**

Em seguida apresentamos, na forma de um esquema, as categorias que identificamos. São as seguintes: TV em Julgamento, subdividida em três subcategorias: Contribuições positivas da TV, Contribuições negativas da TV, Posicionamento frente a TV; Tempo e TV; Programação assistida; e, finalmente, Sentimentos em relação à TV.

## Categorias



### 3 TELEVISÃO E ADOLESCÊNCIA

Neste capítulo vamos desenvolver as discussões sobre os temas que constituem nossas categorias. Para tal, procuramos articular as falas dos adolescentes que participaram da pesquisa com nossas interpretações e os estudos e pesquisas publicados por autores da área de comunicação e educação.

O primeiro aspecto observado em nossa pesquisa é relacionado à categoria TV em Julgamento, subdividido em três partes: posicionamento frente à TV; contribuições positivas da TV e contribuições negativas. Nesse sentido, passamos em seguida a abordá-lo.

#### 3.1 A TV em julgamento

Não seria adequado, numa proposta de pesquisa que tem a fenomenologia como suporte, tomarmos posições favoráveis ou contrárias à televisão. Entretanto, tampouco podemos negar sua inserção no mundo em que vivemos bem como sua importância no século XX e nos dias atuais como defende ABEPEC (2008) ao afirmar que a televisão ocupa cotidianamente a atenção de milhões de pessoas e que influi, dia a dia, em nossa visão do mundo, em nossas pautas culturais e na constituição do tecido social do planeta. Para Tavares (2006), vivemos num contexto em que até a noção de alteridade ou identidade diante de outras culturas, nossa formação de preferências, juízos éticos e escolha de atitudes, ocorrem a partir do que nos é apresentado por intermédio dos meios de comunicação e, principalmente, pela televisão (TAVARES, 2006).

Para os adolescentes, sujeitos dessa pesquisa, parece ser fato que a convivência com a televisão não constitui uma questão. De certo modo, esses adolescentes encaram-na como algo natural. Nasceram num tempo em que ter televisão em casa é algo comum. Seu posicionamento frente à TV constitui, para nós, uma categoria a partir de suas afirmações. Vejamos o que dizem: **A:** “A televisão eu acho bom”; **B:** “tem o lado bom e o lado ruim, né!”; **D:** “É bom, mas depende do modo que se interpreta”; **E:** “É boa. Tem algumas

*coisas que é boa e coisas que é ruim, né”; F: “É um meio de comunicação muito bom. Interaço com as pessoas de um modo diferente.”*

A partir das afirmações dos adolescentes percebemos que parte deles compreende a televisão não somente pelo seu lado bom, mas apresentando certa relativização no que tange à interpretação daquilo que é veiculado. É interessante observarmos que essa interpretação se dá de forma heterogênea, ou seja, nem todos os entrevistados refletiram, em suas falas, uma relativização entre fatores positivos e negativos referentes à TV. Porém, aqueles que o fizeram, apresentam certo juízo em relação à mensagem televisiva, mesmo estando imersos na cultura da TV. Essa imersão é destacada por ABEPEC (2008) quando nos apresenta que as pessoas parecem ter-se convertido, do ponto de vista da TV, em um mercado único.

Pelo seu espaço na sociedade, seja para lazer ou informação, e por sua abrangência de públicos, dentre eles crianças e adolescentes, de uma maneira geral a TV é dotada de um caráter de referência relacionado às informações nela veiculadas. Segundo Fischer (2009), a TV continua a ser a grande fonte de lazer e informação para a maioria da população, podendo ser considerada uma janela para o mundo.

Tendo como referência Pereira Júnior (2006) podemos dizer que a mídia televisiva é a grande sala de estar da sociedade. O jovem quer interagir socialmente e a pauta da mídia é assimilada por ele como a opção, fora do lar, para ser acolhido nessa grande sala de estar. As modas entre jovens refletem esse fenômeno. Por isso, a sua imersão perante este meio é grande e quando percebemos que parte desses jovens conseguem compreender as duas faces da TV, talvez possamos avaliar esse fato como de fundamental importância. Talvez os jovens deste mundo moderno, midiático por si só, não sejam tão frágeis perante um veículo de comunicação de abrangência mundial, que tem seu espaço reservado na maioria das residências brasileiras.

Essa discussão é importante, tanto que Fernandes Neto (2004) afirma que os efeitos da programação de TV sobre a personalidade da criança e do adolescente são inegáveis. Segundo o autor, o poder de indução de comportamentos é maior à medida que se permanece mais tempo sob sua exposição. Tendo em vista que o tempo que os jovens brasileiros vêm televisão chega ao número surpreendente de 6 horas diárias, de acordo com

Pillar (2004), conseqüentemente, podemos perceber que esse poder de indução é maior principalmente nesse público.

Foi possível constatar que a televisão é dotada de muitos pontos positivos segundo os relatos dos entrevistados (B2, B4, C2, D4, D5 E F2), principalmente em relação ao entretenimento proporcionado entre veículo e telespectador, e também às informações veiculadas sobre os acontecimentos no mundo, conseqüentemente gerando aprendizado.

Este aprendizado é considerado por Rosenberg (2008) como uma das razões pela qual o público assiste televisão. Segundo a autora, no caso das crianças, os programas são escolhidos porque ajudam a compreender como o mundo funciona. Nesse caso, como se encontram, devido à idade, em fase de descoberta de como as coisas funcionam e se relacionam, as crianças se divertem enquanto aprendem.

O telejornal é fonte de aprendizado e conhecimento importantes, como destacado nas entrevistas. Isso nos remete a Vizeu e Correia, (2007) quando nos apresentam que o noticiário da televisão é um lugar de referência, pois, num certo olhar, mostra que o mundo existe, interligando o telespectador aos fatos acontecidos na sua rua e em qualquer outra parte.

Num estudo sobre a recepção das notícias divulgadas pelo Jornal Nacional, entre jovens universitários cariocas, Travancas (2007), ao apresentar sua pesquisa comenta:

Eu me perguntava, no início deste trabalho, se os jovens assistiam ao *Jornal Nacional* e o que eu faria durante a pesquisa, se descobrisse que eles não vêm. Mas, aos poucos, não só fui confirmando o quanto o *JN* é uma referência também para eles, como é fonte de sentimentos os mais variados, que vão do amor ao ódio, jamais da indiferença. (p.88)

Travancas (2007) explica que, na pesquisa constatou que o Jornal Nacional (JN), um dos telejornais mais reconhecidos pelo público como parte de um sistema mais amplo de comunicação, pode afetar e influenciar o conjunto de informações e conhecimentos que esses jovens adquirem, assim como seus projetos pessoais. Ou seja, o telejornal é um lugar de referência e fonte de informação para esses jovens num mundo cada vez mais conturbado, porém não é a única e nem a mais importante.

Para a compreensão da obra de Travancas (2007) devemos observar que os sujeitos de sua pesquisa são universitários, com idades variando entre 17 e 58 anos, dos cursos de comunicação social, medicina, pedagogia e serviço social, de universidades públicas e particulares da cidade do Rio de Janeiro. Entre um de seus achados, a pesquisadora se deparou com que, apesar de em geral valorizarem o JN, os entrevistados o consideram como apenas uma de suas fontes de informação, não a única.

Não podemos, porém, afirmar que todos os públicos da televisão e, em especial do Jornal Nacional, relativizam a sua importância. Isso, devido à diversidade de públicos da televisão, de seus aspectos culturais, econômicos, regionais dentre outros. Em nossa pesquisa, por exemplo, nenhum dos entrevistados citou qualquer outra fonte de informação e aprendizado que não fosse a TV. O que foi constatado, tendo por base os relatos dos adolescentes pesquisados, é que o telejornal efetivamente constitui, para eles, um canal de conhecimento de mundo. Valorizam o fato de que ao assistir as notícias por ele veiculadas, se interam dos acontecimentos em diferentes lugares do mundo, como afirma o entrevistado **B**: “[...] *cê aprende com o jornal, isso é o lado bom.*” Entretanto, ao elencar seus programas preferidos, o telejornal não é mencionado por nenhum dos adolescentes participantes da pesquisa.

A preferência está entre os desenhos animados, filmes e novelas. Esses programas têm vasto leque de temáticas que são bases para produzir aquilo que será exibido na TV, como a parte humorística, policial, ação, violência, drama, sexo, dentre outras. Possivelmente, isso se dê em função do caráter prazeroso que esse tipo de programação assume. Segundo Rosenberg (2008), pode-se explicar este fato avaliando que a TV ajuda a matar a vontade de quem quer viver uma perigosa aventura, pois o meio nos dá recursos para este sonho, sem que, em nenhum momento, tenhamos que sair de nossa poltrona. Os filmes de aventura, romances, desenhos animados e outros programas nos fazem viajar sem nenhum esforço ou movimento. A autora complementa, destacando que literalmente fugimos do dia a dia, ao escapar para universos de fantasia que possuem fórmulas de entreter a audiência, embalando nossa atuação até o próximo intervalo comercial.

A preferência dos adolescentes pesquisados pelos filmes, desenhos animados e novelas pode ser explicada por Rosenberg (2008), no que foi

exposto no parágrafo anterior, pois a mídia possibilita aos diversos públicos participar de mundos diferentes, sem que para isso haja esforços excessivos, e com isso, o telespectador, pelo menos por alguns instantes, ficar distraído da realidade. Por determinado tempo, a televisão traz conforto, segurança e divertimento, gerando, talvez, um deslumbramento.

Paravidino (2007) apresenta um olhar mais crítico em relação a este tema, contestando que se a televisão é muito mais que entretenimento - observação óbvia, mas comumente esquecida - a representação da realidade por ela construída pode até ser analisada a partir do deslumbramento que produz no telespectador, mas não pode deixar de ser vista sob o enfoque da socialização e da educação. Ou seja, ao assistir a um filme, um desenho ou mesmo uma novela, os telespectadores têm acesso a costumes, imagens, que fazem parte de outras culturas. Os desenhos importados do Japão tão freqüentes na década de 90 do século passado, por exemplo, traziam um mundo de costumes da cultura oriental.

Portanto, a apreensão de mundo que a TV possibilita é inevitável. É possível, inclusive, supor que essa apreensão se dá de diferentes formas na medida em que diferentes segmentos da sociedade consomem o discurso televisivo. Por exemplo, um público universitário tal como os participantes da pesquisa de Travancas (2007), terá, certamente, diante de um mesmo fato, uma compreensão distinta daquela dos adolescentes participantes desta pesquisa, até mesmo pela capacidade de crítica mais desenvolvida pelos adultos/jovens com nível de escolaridade maior. Dificilmente o público mais adolescente será capaz de reconhecer uma possível intencionalidade na ordem em que desenhos animados são apresentados em determinados programas infantis. Paravidino (2007), num estudo sobre a violência veiculada em desenhos e telenovelas, contribui com nossa reflexão sobre esse fato.

Segundo esse autor, todas as manhãs, de segunda a sexta, a apresentadora Xuxa comanda a programação infantil da Rede Globo. Seus programas infantis, que já passaram por várias reformulações, culminaram atualmente na atração chamada “TV Xuxa”, que dispõe de quadros educativos mas que, em sua maioria, servem apenas para a diversão.

A principal atração do programa são os desenhos como: “Bob Esponja”, “Sítio do Pica-Pau-Amarelo”, “Mickey e Donald”, “Robot Boy”, “Três espíãs



demais”, “Avatar” e “Dragon Ball Z”. A exibição dos mesmos acontece nessa ordem descrita, o que parece seguir a uma gradação do nível de violência. As lutas e manifestações de agressividade explícitas tendem a aumentar com o passar de um desenho para o outro, até chegar em “Dragon Ball Z”, cuja história se resume a personagens guerreiros com corpos esculturais, expressões de ódio e ferozes combates (Paravidino, 2007).

A questão da violência tem sido alvo de muitos estudos. Munarim (2007) realizou entrevistas com crianças buscando entender as possíveis associações entre a violência da programação infantil com as brincadeiras. De acordo com a autora, pode-se entender que os desenhos, pela influência que exercem no comportamento de crianças, podem ser eficientes instrumentos pedagógicos para transmitir valores éticos e morais e poderiam ser incorporados no dia a dia das escolas e famílias a fim de promover discussões e reflexões entre crianças, adolescentes e adultos.

Mas não é privilégio apenas dos desenhos apresentarem a violência como temática central. Também as telenovelas o fazem, ao incorporar a violência que as pessoas vivenciam em suas vidas cotidianas às narrativas do folhetim. Se atender ao mercado é uma das demandas da telenovela, a violência, como aspecto midiático que vende, não poderia ficar de fora (PARAVIDINO, 2007). De acordo com o autor, as telenovelas, em sua maioria, se desenvolvem em torno da busca pelo poder. A novela é articulada no sentido de que os protagonistas do núcleo “do mal” parecem estar em um desenho, arquitetando como impedir que o bem aconteça. Não há poderes mágicos, mas há o fator que move o capitalismo por trás de todas as artimanhas: o dinheiro. Nesse caminho, a exposição de violência nas novelas recentes comprova uma transposição da “sociedade do medo” para as telas. Por utilizar personagens com os quais o espectador pode se identificar, as telenovelas induzem a uma violência mais enérgica do que possivelmente se verifica na violência da programação infantil (PARAVIDINO, 2007).

De modo geral, tanto nos desenhos animados, como no filmes ou nas telenovelas, a partir do exposto nos últimos parágrafos, constata-se que a violência está inserida na temática dos programas que são considerados preferenciais dos adolescentes, no caso desta pesquisa. Não podemos e nem temos a pretensão de afirmar que somente a violência faz com que estes

programas tenham audiência maior do que outros de caráter educativo. Existem ainda outros fatores como a busca de uma aventura, mesmo esta sendo mediada pelo programa de TV, de uma ação policial que somente será possível de ser realizada nos filmes e ainda, outros diversos fatores.

Do total de adolescentes entrevistados, metade deles relatou que a TV contribui negativamente na vida das pessoas, de maneira geral. Podemos exemplificar com as falas do depoente **B** que afirma: “*E também tem o lado ruim que é o vício.*” e do depoente **D**: “ [...] *se interpretar do jeito errado leva a pessoa a fazer muita coisa errada*” (refere-se ao que é veiculado na TV). Ou ainda, do mesmo depoente, referindo-se à possível confusão entre ficção e realidade: “*Outros vêem coisas em novela e acha que vida real também da pra fazer*”.

O depoente **A**, apesar de expressar os aspectos positivos da televisão, deixa entrever em seu depoimento uma questão preocupante. Afirma: “[...] *De tarde tenho que estudar e ai não dá, né!*[...]” referindo-se ao fato de que o ato de assistir televisão é priorizado frente os estudos. Daí se pode inferir que a TV está intrinsecamente ligada ao cotidiano do adolescente, tanto que ter de ir à escola passa a ser negativo, pois, no momento em que se está na sala de aula não é possível assistir a televisão. O adolescente valoriza mais o ato de assistir televisão do que de ir à escola ou mesmo de estudar em casa e fazer as lições indicadas pelos professores.

Diante desse fato, coloca-se o questionamento acerca da possível interferência da TV no que diz respeito ao rendimento escolar. Assistir televisão prejudica o rendimento escolar? Rosenberg (2008) afirma que a televisão pode prejudicá-lo ou melhorá-lo. Segundo a autora, uma pesquisa desenvolvida nos Estados Unidos apresentou que crianças norte-americanas que vêem até 10 horas de televisão semanais se saem melhor na escola do que aquelas que vêem mais de 10 horas. Por outro lado, crianças que assistem mais de 4 horas de TV por dia demonstraram queda no rendimento escolar.

A relação entre rendimento escolar e número de horas diante da TV depende de vários outros fatores como os programas que são vistos, se há ou não um controle dos pais ou responsáveis em relação à programação assistida pelos adolescentes, dentre outros.

Há, ainda, a se destacar a afirmação do adolescente B em relação ao vício decorrente da TV. Ou seja, segundo ele, quanto mais se vê televisão, mais aumenta a vontade de continuar assistindo, deixando de se preocupar com outros afazeres.

Para Rosenberg (2008), assistir à programação de maneira não organizada, pode mascarar problemas mais amplos vividos por crianças e adolescentes, como dificuldades na escola, problemas sociais e familiares. Em geral, crianças e adolescentes assistem muita televisão por diversas razões, inclusive pelo fato de oferecer um refúgio aos problemas do dia a dia.

O depoente D mencionou questões referentes à influência negativa da TV tanto porque pode levar as pessoas a assumirem atitudes erradas como pelo fato de a TV poder levar a confundir ficção e realidade. Sobre esse último aspecto, é comum nos depararmos com atores que são confundidos com seus personagens perversos ou que vivem costumes não aceitos no convívio social. Esses atores, em seu dia a dia, chegam a ser agredidos por telespectadores que não conseguem distinguir ficção e realidade. Algumas pessoas confundem o que vêem nas novelas e conferem aos fatos transmitidos um grau de realidade exacerbado e fora do contexto da vida real.

Ao observarmos esses cenários talvez possamos nos dar conta da naturalização com que a TV apresenta fatos, os quais, possivelmente, não sejam tão naturalmente aceitos pela sociedade. Referimo-nos às questões tais como violência doméstica, homossexualismo, prostituição, doenças psíquicas, que, apesar de fazerem parte da vida de muitas pessoas, não são comportamentos aceitos pela sociedade como naturais.

Diante desses fatos, e aí talvez um dos aspectos positivos da TV, pode ser gerada uma mobilização a favor da superação do problema. Entretanto, para muitos, essas situações se tornam “naturais” e são incorporadas como “normais”. De qualquer modo, a confusão “realidade/ficção” pode, ainda, levar pessoas a cometer atitudes nem sempre adequadas ao convívio social.

### 3.2 Tempo e TV

Os motivos pelos quais se assiste à TV, bem como o tempo a isso destinado são fonte de discussão e de pesquisas (ROSENBERG, 2008). Por isso criamos em nossa pesquisa a categoria Tempo e TV, espaço destinado a discutir o tempo que os adolescentes disponibilizam para essa mídia e em quais momentos o fazem. A maior parte dos adolescentes se sentiu à vontade e afirmou que assiste muito à programação televisiva, em alguns casos, praticamente o dia todo ou após retornar da escola ou do trabalho. Vejamos o que dizem os adolescentes: **A**: *“eu fico muito aqui, na frente da televisão, à toa”*; **B**: *“Você não chega em casa e fica sem assistir televisão”*; **C**: *“Quando estou à toa assim, nas horas vagas, eu assisto novela.”*; **E**: *“Eu assisto bastante televisão, vamos dizer, desde a hora que eu acordo até a hora que eu vou dormir”*; e **F**: *“Assisto muita televisão, tem dia que são 3 ou 4 horas por dia.”*

Porém, ao realizar as análises das entrevistas um fato direcionou nosso olhar. O entrevistado **A** relata o seguinte: *“Acho a televisão boa e assisto mais é desenho. Fico mais aqui em casa de manhã vendo desenho. De tarde tenho que estudar e ai não dá.”* O fato é que, para esse adolescente, ir à escola inviabiliza o ato de ver TV, o que compreendemos que este jovem dispensa maior importância e interesse em assistir televisão do que propriamente ir para a escola e concretizar os estudos. Não colocamos em suspeição aqui a questão de certo ou errado em gostar de assistir muita televisão, mas sim a priorização da televisão em detrimento dos estudos e do relacionamento interpessoal entre esse adolescente, seus colegas de escola e os próprios professores. A televisão é companheira, apresenta aquilo que se quer ver, traz humor, aventura, informação e faz parte do cotidiano das crianças e dos adolescentes (ROSENBERG, 2008). Talvez, por este motivo, o adolescente **A** dispensou tamanha importância à TV, pois algumas vezes o entretenimento oferecido por essa mídia não necessita de uma concentração, como é exigido nos estudos, e o receptor pode se sentir à vontade para receber todos os tipos de informações.

Mas, não podemos entender essa situação como algo totalmente negativo, pois é a TV quem define grande parte da relação da infância com o mundo, segundo Rosenberg (2008), e por isso seria ilusório retirar, de forma imediata, esse público do convívio com a TV. Esta questão talvez seja menos de censura do que de dosagem. A TV pode ser uma aliada no processo de aprendizagem, porém é preciso ser distinguido onde essa mídia se sai bem e onde não é recomendada.

Outro ponto de destaque nesta categoria da pesquisa é relacionado ao momento no qual os adolescentes assistem à TV. Cinco do total de entrevistados citaram que assistem aos programas veiculados pela televisão, principalmente, quando estão ociosos. O adolescente **A** afirma: [...] “*quando estou aqui em casa à toa, serve para distrair*” (falando sobre a televisão). Já para o entrevistado **B**: [...] “*Você não chega em casa e fica sem assistir televisão*”. Para o sujeito **C**: [...] “*Quando estou à toa assim, nas horas vagas, eu assisto novela.*” O adolescente **E** responde o seguinte: “*Eu assisto bastante televisão, desde a hora que eu acordo até a hora que eu vô dormir. Só tem a pausa para o serviço de casa.*” E o entrevistado **F** cita que: [...] “*não tem nada pra fazer, aí fico lá sentado no sofá*” (assistindo televisão).

Rosenberg (2008) define nove razões básicas que são motivadoras do ato de sentar-se à frente da televisão. Para fazer essa categorização baseia-se nos estudos publicados no livro *Children e Television*, dos autores americanos Barry Gunter e Jill McAleer, o qual reúne trabalhos realizados entre as décadas de 1950 e 1990 nos países do hemisfério norte, tendo como objetivo compreender como crianças se relacionam com TV e os motivos pelos quais assistem os programas.

Os motivos elencados por Rosenberg (2008) são os seguintes: passar tempo/hábito de ligar o aparelho; escapismo; companhia; aprender sobre “as coisas”; aprender “sobre si mesmo”; tema de conversa; como babá eletrônica; o prazer da fantasia e o estímulo emocional.

Passar o tempo ou mesmo o hábito de ligar o aparelho. Estes são os motivos mais alegados pelas crianças no momento em que se justificam os porquês de se assistir TV (ROSENBERG, 2008). Segundo a autora, na falta de uma atividade programada, assistir televisão passa a ser uma alternativa mais próxima, pois não exige planejamento, esforço ou equipamento especial. Vai,

ainda além e afirma que muitas pessoas ligam a TV num movimento automático, ao chegarem a casa ou no quarto. Consequentemente, sentar-se à frente do aparelho completa o gesto. Daí, nos remetemos à fala do depoente **B**: *“Você não chega em casa e fica sem assistir televisão. Todo dia você vai ter que ligar ela.”* Pode-se perceber neste aspecto como a TV e suas articulações midiáticas se fazem cada vez mais presentes no cotidiano, criando uma ação quase que automática para algumas pessoas, que é o ato de ligar o aparelho e se entregar aos seus programas.

Os profissionais que atuam na programação da TV entendem esta realidade que, talvez, possamos intitular como “o vício da televisão”. De acordo com Rosenberg (2008), esta atitude passiva dos receptores facilita às grandes redes de televisão ampliar este vício, fazendo com que as pessoas fiquem cada vez mais tempo à frente do aparelho. Quanto mais tempo à frente da TV, mais os telespectadores, incluindo não só crianças e adolescentes, mas todos os receptores se expõem à divulgação de produtos e à incitação ao consumo. Não seguiremos nessa discussão sobre o consumo pois é um tema amplo e complexo para ser tratado em poucas palavras. O que podemos destacar é que a questão da divulgação de produtos, sejam estes materiais ou imateriais, para aumentar o consumo é fator que movimenta grande parte da indústria cultural, principalmente por meio da TV.

### **3.3 Programação Assistida**

É relevante observarmos que a categoria Programação Assistida também tem seu fator de destaque: Por que os sujeitos dessa pesquisa escolhem assistir determinado programa? Será que, devido à audiência dos programas escolhidos por estes públicos, existe um alto grau de investimento publicitário, visando, principalmente, gerar maiores lucros às empresas anunciantes? Será que esse público se percebe como alvo da propaganda? Será que consome os produtos e idéias anunciadas? Os questionamentos ainda são muitos, porém podemos discutir alguns destes pontos, evidenciados pelos entrevistados.

Dois adolescentes, de um total de seis, relataram suas preferências na programação da televisão. Foram citados os filmes, novelas e desenhos animados. O entrevistado **A** afirma: [...] *“assisto mais é desenho. Fico mais aqui em casa de manhã vendo desenho”*. Já o adolescente **B** afirma: *“Você se diverte assistindo a televisão, filme, novela.”*

Parece que as empresas que usam da propaganda televisiva para divulgar seus produtos conhecem o hábito cotidiano em assistir TV, dos adolescentes pesquisados e de muitos outros. Os investimentos publicitários visando às crianças e adolescentes são consideráveis. De acordo com o Instituto Alana no Brasil (2009), em 2006, os investimentos publicitários destinados à categoria de produtos infantis foram de R\$ 209.700.000,00 (IBOPE Monitor, 2005x2006, categorias infantis). No entanto, a publicidade não se dirige às crianças apenas para vender produtos infantis. Elas são assediadas pelo mercado como eficientes promotoras de vendas de produtos direcionados também aos adultos. Em março de 2007, o IBOPE Mídia divulgou os dados de investimento publicitário no Brasil. Segundo o levantamento, esse mercado movimentou cerca de R\$ 39 bilhões em 2006. De acordo com o autor, a televisão permanece a principal mídia utilizada pela publicidade. Ao cruzar essa informação com o fato da criança brasileira passar em média quatro horas 50 minutos e 11 segundos por dia assistindo à programação televisiva (Painel Nacional de Televisores, IBOPE 2007) é possível imaginar o impacto da publicidade na infância (INSTITUTO ALANA, 2009).

O uso de personagens de entretenimento pode atrair o interesse das crianças e colocá-las mais perto da marca, produto ou serviço anunciado. As promoções de vendas dirigidas às crianças justificam os custos e ajudam as empresas a aumentarem seu lucro, sendo que, quando associam as promoções de vendas à publicidade veiculada na televisão os lucros aumentam, como também a fixação da imagem que a marca detém perante o público jovem (MCNEAL, 1992).

Não cabe aqui, no âmbito de nosso trabalho, discutir a pertinência ou não do investimento em programas televisivos ou propagandas direcionadas ao público jovem. É fato que existem diversas outras articulações não evidentes nesta relação entre mercado e público consumidor, mas, como

dissemos anteriormente, esta não é nossa pretensão. O fato principal a ser discutido aqui é o conteúdo das mensagens veiculadas, tanto nas propagandas como nos programas exibidos na TV para o público jovem.

Os programas como filmes, novelas e desenhos animados, em sua maioria, tem com função principal o entretenimento. Porém, para Felipe (1999) as Pedagogias Culturais<sup>1</sup> referem-se à idéia de que a educação de jovens se dá numa variedade de locais sociais, incluindo a escola, ao shopping, ao cinema. Ao assistirem televisão, por exemplo, estão aprendendo sobre sexualidade, gênero, raça, etnia, geração e a partir da exposição a esses artefatos culturais as crianças, e também os adultos, estão se constituindo como sujeitos.

Fischer (2001) afirma que a TV tem uma participação decisiva na formação das pessoas, mais especificamente na própria constituição do sujeito contemporâneo. Faz parte integrante e fundamental de processos de produção e circulação de significações e sentidos, os quais por sua vez estão relacionados a modos de ser, a modos de pensar, a modos de conhecer o mundo, de se relacionar com a vida.

No caso aqui apresentado pelos adolescentes, uma das programações preferidas são as que veiculam desenhos animados. Sobre esse tema podemos relatar alguns estudos importantes para entender um pouco mais o que nos referimos ao citar Fischer (2001). Por exemplo, Rael (2002), tendo como objeto de estudo: *A pequena sereia* (1998), *A Bela e a Fera* (1991) e *Mulan* (1991)<sup>2</sup>, investigou as representações de feminino aí presentes. Constatou que nesses filmes são apresentadas e legitimadas determinadas representações que exercem uma pedagogia de gênero e de sexualidade. Nesse sentido, certamente desempenham, no público infantil, um papel que contribui para a concepção do feminino que irão assumindo em suas vidas.

Acuff (1997), por sua vez, apresenta um estudo sobre os *Power Rangers*, um seriado sobre um grupo de jovens em cujos episódios é

---

<sup>1</sup> A Pedagogia Cultural não se enquadra em nenhuma concepção de pedagogia que possa reduzir-se a um conjunto de habilidades técnicas ou profissionais. Assume que a pedagogia é uma importante "prática cultural" que só pode ser exercida por meio de análises sobre poder, linguagem, diferença, multiplicidade. Preocupa-se menos com questões metodológicas de transmissão e processos de avaliação do que com os modos como os saberes e os produtos culturais são fabricados, divulgados e consumidos.

<sup>2</sup> Trata-se de filmes infantis centralizados em torno da figura feminina que apresenta conflitos, tais como amores impossíveis, escolhas a serem feitas, entre outros.



explorada a luta entre o bem e o mal na proteção das pessoas e do planeta. As histórias baseiam-se no espírito de equipe, no cooperativismo, na preocupação com o meio ambiente e outros.

Outro trabalho interessante é o de Kindel (2003) que se volta para os filmes infantis da década de 90. Essa pesquisadora direciona seu olhar para: *Vida de Inseto* (1998), *O Rei Leão* (1994), *Rei Leão II – o reino de Simba* (1998), *Pocahontas – o encontro de dois mundos* (1995), *Tarzan* (1999) e *Formiguinha Z* (1998). A autora investigou as representações de gênero, sexualidade, raça, etnia, nação, classe social e natureza produzidas por esses desenhos animados e, a partir dessa análise, constatou que a maternagem, a incapacidade de liderança, por exemplo, são representações que, na maioria das vezes, aparecem atreladas às mulheres. Por outro lado, a agressividade e liderança são atribuições do masculino. Há, ainda, nesses filmes, segundo a autora, uma vinculação de representações ligadas à marginalidade social e inferioridade associadas aos latino-americanos e aos negros.

Assim, diante da programação televisiva, as mesmas questões são postas. Na medida em que entendemos a TV como um local de produção, veiculação e circulação de discursos, certamente teremos que reconhecer seu papel como produtora e veiculadora de representações que sugerem determinados comportamentos e identidades, e que, de algum modo, acabam por regular nossas vidas (RAEL,2002). Se observarmos essas situações, talvez possamos dizer que, ao veicular um programa de televisão, seja ele qual for, os preceitos como ética, conduta moral, educação e outros devem ser levados em conta.

Fischer (2001) afirma que é fundamental que a escola dê visibilidade à televisão e a estude criticamente, uma vez que elegê-la como material de estudo na educação tem também o sentido de ir além de nossas cotidianas e mínimas ações sobre as imagens. Propõe que se respeitem essas imagens e se partam delas, a fim de dinamizar e multiplicar o vivido, experimentar com fruição e pensamento todos esses artefatos culturais que olhamos e que nos olham.

Podemos observar, ainda segundo a mesma autora, que eleger programas televisivos como conteúdo escolar, pode ser um ponto de auxílio na construção de cidadãos críticos, uma vez que proporcionará aos alunos

momentos em que eles se relacionem com essas imagens de uma forma diferente da habitual. Assim, podem ir deixando de ser meros espectadores e passem a pensar sobre o que vêem. Já Ferrés (1996) afirma que uma escola que não ensina a ver televisão é uma escola que não educa. O autor ainda questiona que se não for na escola, onde as crianças terão essa possibilidade?

Dessa forma, as crianças e adolescentes talvez possam questionar e problematizar as representações de homem, de mulher, de beleza, de felicidade, de sucesso, da homossexualidade, das questões religiosas, de raça e outros, sem com isso ter que discriminar aqueles grupos menos favorecidos socialmente.

### **3.4 Sentimentos em relação à TV**

Após descrever algumas questões que emergiram em nossas análises acerca da televisão, observamos que essa mídia vem invadindo os lugares domésticos, aproximando espaços, tempos e culturas. Traz, ainda, informações, diferentes versões de fatos da realidade, textos narrativos, descritivos e histórias ficcionais e fantasias. Os risos, as lágrimas, suspense e aventura; som, barulho, música, dança, esporte e muitas e variadas imagens, com diversas cores, movimentos e velocidades. Todo este repertório faz parte das ferramentas usadas pela televisão para articular programas de modo a informar, entreter e influenciar o público.

As estratégias televisivas são mediadas pelas mais variadas possibilidades e subjetividades dos indivíduos, desde sua capacidade de respostas, de resolução de problemas, de racionalização até seus percursos de vida, sua escolaridade, formação profissional, suas condições de sobrevivência, sensibilidade, vivências particulares acumuladas, carregadas de sentidos culturais (LEITE, 2009).

Por meio dos relatos dos adolescentes sujeitos desta pesquisa podemos constatar que são telespectadores assíduos e que a TV, apesar dos seus pontos negativos, fascina e faz aflorar sentimentos em quem a assiste. Segundo o entrevistado **B**: *“Eu gosto de ver televisão”*; o adolescente E: *“Adoro muito a televisão, tanto que o que me perguntar eu sei responder sobre os programas*

e o que quê acontece na televisão”; e o entrevistado F: “Também faz a gente rir, faz a gente chorar, faz a gente ficar interessado naquilo que a gente está vendo.”

A partir dos relatos dos entrevistados constatamos que os sentimentos, de maneira geral, de parte destes adolescentes, são aguçados ao assistirem os programas veiculados pela televisão. Manhanelli (1998) sustenta à nossa constatação quando afirma que a televisão transmite emoções e estilos de vida vislumbrados por muitas pessoas, mas alcançados por poucos, sendo que, com o uso de técnicas de comunicação, é possível atingir o público receptor de forma mais homogênea.

A televisão está tão enraizada no cotidiano do público que Bezerra (1999) defende que ligar a televisão é uma forma de educar. Segundo esse autor, programas televisivos cotidianamente influenciam jovens e adolescentes sobre diversos temas, sendo que essa influencia pode tanto ser boa como ruim. Bezerra (1999) ainda destaca a própria dificuldade dos pais ou responsáveis em controlarem o fato das crianças e adolescentes estarem diretamente ligados às informações veiculadas pela TV, pois se algo os diverte, mesmo que seja veia televisão, como repreendê-los?

Mais uma vez afirmamos que não nos cabe neste momento decidir se a influência da televisão é boa ou ruim, porém observamos que ela faz parte do dia-a-dia dos adolescentes entrevistados, e, que além disso, esses jovens assistem muita TV. Por isso nos remetemos a Leite (2009) ao citar a célebre frase de Orson Welles<sup>3</sup>: *Eu odeio TV. Odeio tanto quanto amendoim. Mas eu não consigo parar de comer amendoins.* Ou seja, não importa se a televisão é boa ou ruim, certamente haverá momentos em que diversos públicos a assistirão, independente do programa veiculado. Isso se dá, possivelmente, devido à influência da televisão perante o público, no que tange à compulsão em assisti-la, ocasionada, talvez, por diversos sentimentos.

Os motivos pelos quais os adolescentes dessa pesquisa assistem televisão cotidianamente ainda podem recair no que Rosenberg (2008) denominou como

---

<sup>3</sup> Welles entrou para a antologia das comunicações com a transmissão da notícia da chegada dos extraterrestres, em 1938, e pela direção do filme "Cidadão Kane", de 1941, entre outros. Esse filme revolucionou as técnicas de filmagem com recursos até então inexploradas como profundidade de campo, ação entrecortada num mesmo ambiente, planos longos, movimentos de câmera e edição rápida.

sendo o escapismo, que é uma das nove razões básicas motivadoras do ato de se assistir TV. Segundo a autora, o escapismo é o motivo definido como aquele em que os sujeitos, querendo viver uma experiência de aventura que, na vida real, seria praticamente impossível, utilizasse da TV e seus recursos como programas, propagandas e filmes para fazê-lo, sendo que, para isso, não necessite sair de casa ou mesmo da poltrona em que está sentado. Desta forma, literalmente, estes sujeitos fogem do dia-a-dia, ao escapar da vida real e ir para universos de fantasia que possuem formas de entreter a audiência, embalando a atenção dos telespectadores até o próximo intervalo comercial (ROSENBERG, 2008).

Podemos entender, ainda, que o fato da televisão suscitar sentimentos como uma aventura singular, um amor de cinema, uma perseguição policial entre outros, faz parte integrante e fundamental de processos de produção e circulação de significações e sentidos, os quais, por sua vez estão relacionados a modos de ser, a modos de pensar, a modos de conhecer o mundo, de se relacionar com a vida, como afirmado por Fischer (2001). Por isso, talvez possamos dizer que, de certa forma, a suscitação destes sentimentos seja uma ação saudável da TV. Porém, não queremos dizer que todos os filmes ou programas televisivos gerem sentimentos que contribuirão positivamente para a constituição das subjetividades desses jovens. Como apresentamos nos exemplos no sub-capítulo 2.3 Programação Assistida, existem programas com temáticas discriminatórias e violentas, de maneira geral, que podem influenciar os adolescentes, suscitando sentimentos de cunho racista, machista, violento dentre outros. Por outro lado, Rosenberg (2008) nos alerta para o fato de que a TV exerce influência no público, porém uma criança ou adolescente não se tornará um maníaco sexual porque assistiu a programas com cenas eróticas. Entretanto, a visão de mundo que este indivíduo carrega ao longo da vida será influenciada pelos conceitos embutidos nos programas de televisão. A autora defende que a questão da TV na infância talvez seja, então, menos de censura do que de dosagem. Não seria nociva em si, mas está longe de ser uma babá confiável (ROSENBERG, 2008).

### 3.5 Aspecto interativo da TV

Considerando que interatividade seja uma influência mútua, um intercâmbio de informações entre emissor e receptor, como foi observado na análise da pesquisa do adolescente F, nos remetemos a uma parte da própria fala desse sujeito, para ampliarmos nossa discussão. Segundo F: (a TV) *“Interage com as pessoas de um modo diferente.”*

O adolescente F talvez possa ter considerado que a interação da TV é diferente da interação que realiza com os amigos, com professores, com familiares, de forma significativamente interpessoal. A interação com os programas exibidos pela TV, sejam os de caráter mais popular ou educativo, será sempre mediada por um veículo de comunicação. O que talvez não seja realmente uma interação, mas sim constituam partículas de uma relação de emissão e recepção, onde nem sempre aquele que fala, ou seja, a televisão, escuta quem está do outro lado da tela, o telespectador.

Porém, de acordo com Moran (2009), no início desta década começou a crescer significativamente a participação do público na elaboração dos programas de TV. Além do tradicional telefone, utilizado com sucesso em programas, a Internet e as mensagens de texto tornaram-se recursos para possibilitar interação. Segundo esse autor, as pessoas, principalmente os jovens, não querem mais simplesmente assistir à televisão. Eles querem se expressar através da TV, mostrar sua cara, por isso a interatividade é tão importante.

As tecnologias de comunicação permitem escolhas variadas do público, como é o caso da TV. A interatividade, seja restrita ou mais abrangente, se dá em alguns campos. Moran (2009) questiona que se oferecem mais alternativas na área de entretenimento (filmes, games) e de serviços (telemarketing) do que em outros campos, como o da informação ou de debates. Se pensarmos que a maior parte das notícias e das informações nos chega através da mediação de canais de comunicação, como é o caso da televisão, o fato de ouvir e ser ouvido deve ser levado em consideração, isso tanto no que se refere à produção dos programas, das notícias veiculadas, quanto à relação entre público receptor e TV, dentre outros.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

No desenvolvimento da pesquisa pudemos constatar que os adolescentes entrevistados assistem à televisão, um número de horas bastante expressivo, sendo citado por um dos entrevistados uma média de 3 a 4 horas por dia. Relacionam-se com este veículo de comunicação, buscando nele informações sobre o mundo, via telejornais e programas do gênero, e entretenimento, através dos filmes, dos desenhos animados e de diversas outras atrações televisivas que têm por função principal divertir o público e não discutir questões complexas do cotidiano.

Constatamos, diante da pergunta: “O que você acha da televisão?” que parte dos adolescentes relativizou essa questão, afirmando que a TV tem ambos os lados, ou seja, bom e ruim, e que depende da interpretação que é feita daquilo que fôra veiculado. Uma outra parte desses adolescentes já não conseguiu perceber essa situação e afirmou ser a TV ponto de referência e principal contato com o mundo que os rodeiam. Os adolescentes entrevistados apresentam alto grau de relacionamento com a mídia televisiva, sendo que um dos entrevistados destacou que assiste televisão o dia todo, todos os dias da semana, e que a pausa se dá apenas em períodos em que está na escola ou no trabalho doméstico. Outro adolescente afirmou assistir muita TV e que a pausa é apenas à tarde, porque tem que ir à escola. Esse último gerou preocupação, devido ao fato de atribuir relevância maior ao ato de assistir à TV do que propriamente ir à escola e promover seu convívio interpessoal entre professores, colegas de classe e outros.

Em relação à mídia televisiva, que por vezes é criticada pela sua grande influência diante aos diversos públicos, podemos observar que foi dado a ela caráter de referência também em relação às campanhas ligadas à saúde. Segundo um dos entrevistados, muitas pessoas se lembram de campanhas de vacinação, combate à dengue, ações contra a violência, ao consumo de drogas, campanhas solidárias, dentre outras, apenas quando são divulgadas via televisão para praticamente todos os lares brasileiros.

Porém este amplo espaço conquistado pela TV, por vezes, pode não ser usado para ações benéficas. Desenhos animados, filmes ou programas do gênero utilizam-se dessa referência para divulgar modos de vida nem sempre tão saudáveis.

Um exemplo disso são desenhos animados e filmes de cunho racista, que colocam a mulher, os negros e outras determinadas classes da sociedade como inferiores e bestializadas. Esses desenhos geralmente têm como pano de fundo um cenário de violência, de corpos estruturais, de super-poderes que servem como entretenimento, mas que não geram no público reflexões sobre aquilo que está sendo veiculado. Alguns programas, mesmo tendo a violência em destaque, enaltecem o cooperativismo e a amizade, como apresentado anteriormente, mas são em menor escala.

O que podemos observar com a realização dessa pesquisa é que a televisão ainda detém grande influência e espaço perante o público, mesmo com o advento e popularização de diversas outras mídias, como é o caso da internet. As pessoas ainda percebem na TV, principalmente nos telejornais, um espaço de referência e confiabilidade, pois a divulgação de informações via televisão traz consigo certo teor de veracidade que não pode ser ignorado.

Talvez não possamos negar a influência da TV e nem temos essa pretensão. Porém, o que queremos destacar é que esta influência deve ser usada para gerar nos telespectadores uma ação positiva, de reflexão sobre as notícias, programas e daquilo que é veiculado pela TV.

A televisão faz parte do cotidiano dos sujeitos dessa pesquisa como talvez de outros adolescentes. É um tema que deve ser abordado dentro de casa, entre pais e filhos, como também na escola, pois, por vezes, a TV passa a ser uma referência maior para os jovens, se comparado às instituições família e escola.

## REFERÊNCIAS

ABEPEC - ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DAS EMISSORAS PÚBLICAS, EDUCATIVAS E CULTURAIS. Apresentação, 2008. Disponível em: <[http://www.abepec.com.br/tv\\_publica.asp](http://www.abepec.com.br/tv_publica.asp)>. Acesso em: 24 jun. 2008.

ACUFF, D.S. **What kids by and why**. Nova York: The Free Press, 1997.

ANASTÁCIO, M.Q.A. Pesquisa qualitativa: concepções e perspectivas, **Educação em Foco**, Juiz de Fora, v.11, n.1, p.189-198, mar./ago. 2006.

ANASTACIO, Maria Queiroga A. **Tecendo Fios que Constituem a Matemática Escolar um Olhar do Pesquisador**. GT: Educação Matemática / n.19. Disponível em <http://189.1.169.50/reunioes/28/textos/gt19/gt191170int.rtf>. Acesso em 20 mai 2009.

BICUDO, M.A.V. **Fenomenologia: Confrontos e Avanços**. São Paulo: Cortez, 2000.

BICUDO, M.A.V. Sobre a Fenomenologia. In: BICUDO, M.A.V.; ESPÓSITO, V.H.C. (Org.). **Pesquisa Qualitativa em Educação**. Piracicaba: Unimep, 1994.

BOEMER, M.R. A condução de estudos segundo a metodologia de investigação fenomenológica. **Rev. Latino-am. Enfermagem**, Ribeirão Preto, v.2, n.1, p. 83-94, jan. 1994. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rlae/v2n1/v2n1a08.pdf>>. Acesso em: 15 mai. 2008.

FELIPE, J. Entre tias e tiazinhas: pedagogias culturais em circulação. In: SILVA, L. H. (Org.) **Século XXI: Qual o conhecimento? Qual o currículo?**. Petrópolis: Vozes, 1999. p.167-176.

FERNANDES NETO, G. **Direito da comunicação social**. São Paulo: RT, 2004.

FERRÉS, J. **Televisão e educação**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

FISCHER, R. **Televisão e Educação: Fluir e pensar a TV**. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

FISCHER, R.M.B. Mídia e juventude: experiências do público e do privado na cultura. **Cad. Cedes**, Campinas, vol. 25, n. 65, p. 43-58, jan./abr.2005. Disponível em <<http://www.cedes.unicamp.br>>. Acesso em: 20 abr. 2009.

GARNICA, A.V.M. Algumas notas sobre Pesquisa Qualitativa e Fenomenologia. In: MESA-REDONDA PARADIGMAS DE INTERPRETAÇÃO DA REALIDADE organizada pelas disciplinas da Pedagogia Médica e Didática Especial do Depto. De Educação, 1997. Botucatu: Unesp, 1996.

GONZALEZ REY, F. **La investigación cualitativa em Psicologia: rumbos y desafios**. São Paulo: Educ., 1999.



INSTITUTO ALANA. Consumismo infantil, um problema de todos. Disponível em: <<http://www.alana.org.br/CriancaConsumo/ConsumismoInfantil.aspx>>. Acesso em: 9 mai. 2009.

KINDEL, E. A. I. A natureza no desenho animado ensinando sobre homem, mulher, raça, etnia e outras coisas mais... 2003. 185 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2003. Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/2504>>. Acesso em: 20 mai. 2009.

LEITE, M. **Eu odeio TV tanto quanto amendoim**. Laboratório Educação e Imagem. Disponível em: <<http://www.lab-eduimagem.pro.br/frames/seminarios/pdf/e7marlei.pdf>>. Acesso em: 10 mai. 2009.

MANHANELLI, C. A. **Estratégias eleitorais: marketing político**. 5ªed. São Paulo: Summus, 1998.

MARTINS, J.; BICUDO, M.A.V. **A pesquisa qualitativa em psicologia: fundamentos e recursos básicos**. 3.ed. São Paulo: Centauro, 2003.

MOREIRA, F.M.F.D. Gestão democrática na escola pública: a percepção dos docentes. 2008. Dissertação (Mestrado em Educação e Sociedade) – Departamento de Pós-graduação, Universidade Presidente Antônio Carlos, Barbacena, 2008.

MCNEAL, J. **Kids as costumers: a handbok of marketing to children**. Nova York: Lexington Books, 1992.

MORAN, J. M. A interatividade na Televisão e nas Redes Eletrônicas. In: RELATÓRIO DE PESQUISA PARA O CNPQ, 2002. Disponível em: <<http://www.eca.usp.br/prof/moran/interativ.htm>>. Acesso em: 20 mai. 2009.

MUNARIM, I. A violência na programação infantil da TV e as brincadeiras das crianças. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE, 14, 2005, Porto Alegre. **Anais do 14º Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte e 1. Congresso Internacional de Ciências do Esporte**, Porto Alegre, 2005. p.636-639. Disponível em: <<http://www.nepef.ufsc.br/labomidia/arquivos/producao/26.pdf>>. Acesso em: 20 mai. 2007.

PARAVIDINO, F. V. A violência nos desenhos e na telenovela: a construção dos significados através do lúdico e da representação naturalista. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 30, 2007, Juiz de Fora. **Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação** Juiz de Fora: Universidade Federal de Juiz de Fora, 2007.

PEREIRA JÚNIOR, A. J. Direito de formação da criança e do adolescente em face da TV comercial aberta no Brasil: o exercício do poder-dever de educar diante da programação televisiva. 2006. Tese (Doutorado em Direito) – Faculdade de Direito, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

PILLAR, A. D. **Regimes de visibilidade nos desenhos animados da televisão.** Porto Alegre: FAPERGS/UFRGS, 2004.

RAEL, C. C. A Mocinha mudou para melhor? Gênero e sexualidade nos desenhos da Disney. 2002. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2002.

ROSENBERG, B. **A TV que seu filho vê:** como usar a televisão no desenvolvimento da criança. São Paulo: Panda Books, 2008.

TAVARES, F.M.M. Comunicação política, televisão e entretenimento esclarecido: um exame da compatibilidade de uma mídia com a política democrática. In: CONGRESSO ANUAL DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PESQUISADORES DE COMUNICAÇÃO E POLÍTICA, 1, 2006, Salvador. **Sessão Coordenada Temas em Comunicação e Democracia II.** Salvador: Universidade Federal da Bahia, 2006, p.1-16.

TRAVANCAS, I. S. **Juventude e televisão:** um estudo da recepção do jornal nacional entre jovens universitários cariocas. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2007.

VIZEU, A., CORREIA, J. A construção do real no telejornalismo: do lugar de segurança ao lugar de referência. In: VIZEU, A. **A sociedade do telejornalismo.** Petrópolis: Vozes, 2007.

## APÊNDICE 1

Barbacena, de maio de 2009.

Prezados Pais,

Vimos por meio desta, solicitar-lhes a participação de seu filho no projeto de pesquisa que estamos desenvolvendo, como pré-requisito para defesa da Dissertação de Mestrado.

Trata-se de um trabalho sério e, e que tem por objetivo compreender como adolescentes de Barbacena se relacionam com a televisão e percebem seu papel em suas vidas.

Certos de poder contar com seu apoio e contribuição, desde já agradecemos e colocamo-nos à disposição para maiores esclarecimentos.

Atenciosamente,

Prof. X

Mestrando em Educação e Sociedade – UNIPAC – Barbacena

Email: [xxxxxxx@yahoo.com.br](mailto:xxxxxxx@yahoo.com.br) – tel: 000000000

Profª Drª Y

Professora do Mestrado em Educação e Sociedade – UNIPAC

[yyyyy@terra.com.br](mailto:yyyyy@terra.com.br) – tel: 000000000

## APÊNDICE 2

## TERMO DE PARTICIPAÇÃO

Eu \_\_\_\_\_, portador da CI \_\_\_\_\_, abaixo assinado, venho por meio deste, comprovar a participação voluntária de meu filho (a) \_\_\_\_\_, na pesquisa coordenada pelo professor e aluno do Mestrado Educação e Sociedade da Universidade Presidente Antônio Carlos – Barbacena, Marcelo Mauricio Miranda, sob a orientação da Profª Drª Maria Queiroga Amoroso Anastácio.

Concordo com a participação de meu filho e autorizo a publicação dos dados referentes ao seu depoimento, sendo garantida a privacidade e segredo de sua identificação. Declaro ainda que estou ciente de poder interromper a sua participação na pesquisa a qualquer momento.

Barbacena, maio de 2009.

-----  
Prof. X  
Mestrando em Educação e Sociedade – UNIPAC – Barbacena  
Email: [xxxxxxx@yahoo.com.br](mailto:xxxxxxx@yahoo.com.br) – tel: 000000000  
Profª Drª Y  
Professora do Mestrado em Educação e Sociedade – UNIPAC  
[yyyyy@terra.com.br](mailto:yyyyy@terra.com.br) – tel: 000000000